

Arte: ativar o humano

Art: activating the human

Editorial

JOÃO PAULO QUEIROZ*

Enviado a 17 de fevereiro de 2016 e aprovado a 18 de fevereiro de 2016.

*Portugal, par académico interno e editor da *Revista Estúdio*.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA). Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058, Lisboa, Portugal. E-mail: joao.queiroz@fba.ul.pt

Resumo: A partir da proposta “Congresso CSO, Criadores Sobre outras Obras,” em que artistas são desafiados a escrever sobre a obra de outros artistas, no âmbito dos países de língua portuguesa ou espanhola, a *Revista Croma* interessa-se pela intervenção, pela implicação. Há um vasto campo de ação onde têm surgido novas relações, conhecimentos, atitudes e práticas. Sobre as relações sociais tecem-se ligações intermediadoras e os seus resultados geram novas formas de pensar, re-novam discursos, promovem identidade.

Palavras chave: *Revista Croma* / Congresso CSO / intervenção / identidade.

Abstract: Based on the proposal “CSO Congress, Creators on other art works,” in which artists are challenged to write about the work of other artists, in the context of Portuguese or Spanish-speaking countries, the *Croma Journal* is interested in art intervention. There is a wide field of action where knowledge, new relationships, attitudes and practices have emerged. On the social relations are interweaved intermediating connections, and its results generate new thinking, renew discourses, and promote identity.

Keywords: *Magazine Croma* / CSO Congress / intervention / identity.

Dentro do desafio do “Congresso CSO, Criadores Sobre outras Obras,” em que artistas são chamados a escrever sobre a obra de outros artistas, no âmbito dos países de língua portuguesa ou espanhola, a *Revista Croma* interessa-se pelas instâncias de intervenção, implicação, aproximação junto das comunidades, dos excluídos, menos favorecidos, comunidades menos diferenciadas. Há um vasto campo de ação onde têm surgido movimentos para novas relações, conhecimentos, atitudes e práticas.

Se a dimensão relacional tem vindo a ser problematizada com maior insistência no contexto da crítica contemporânea (Hall, 2006), especialmente na vertente que se debruça sobre o efeito ideológico do orientalismo (Said, 2007) e na realidade pós-colonial (Bhabha, 2005) então os 16 artigos que se alinham nesta edição fornecem leituras alternativas, talvez um pouco “alter-modernistas” (Bourriaud, 2009) sobre as dinâmicas da arte contemporânea.

A capa deste volume foi sugerida pela leitura do artigo de Katia Prates (Rio Grande do Sul, Brasil) com o título “A arte como personagem: 'Modern', um filme de Luiz Roque.” Aqui aborda-se uma vídeo-performance de Roque, em que uma réplica de uma escultura de Henri Moore entra em oposição irónica com a subcultura fetichista. Roque estuda as contradições dos fenómenos e explora a performatividade sexual como um conflito entre representações. O *camp* apropria-se da cultura erudita e do modernismo ascético, emprestando-lhe humor e peso na circunstância da *new wave* londrina dos anos 80.

Em “Comer con Beuys,” Mónica Ortuzar (Bilbao, Espanha) aborda a 'gramática da temperatura' associada por este autor aos materiais do seu universo redentor, assim como também as suas digressões pelos alimentos, pelas produções numeradas de azeite, de vinho ou de mel, ou ainda a própria preparação de alimentos. Na gastronomia estabelece-se um círculo que evoca a perenidade e a conservação, a par com a sua contradição: o consumo. A sua síntese, a relação, incorporada na utopia da sua Universidade Livre Internacional (FIU) faz da comunicação o seu suporte.

Concepción Ibáñez & Zuhar Iruretagoiena (Bilbao, Espanha) no artigo “Iratxe Jaio y Klaas van Gorku: el discurso como entramado performativo” estudam a ação desta dupla, Jaio e van Gorkum, no seio do seu projeto *social experiment*. As propostas relacionais estabelecem o suporte para uma intervenção comunicativa e performativa, assente na colaboração e na discussão.

O artigo “Suturar e Bordar: o têxtil como metáfora de identidade, memória e violência na obra de Claúdia Contreras” de Teresa Matos Pereira (Lisboa, Portugal), introduz aquela artista argentina e os seus trabalhos, onde um olhar doméstico atravessa os 'desaparecimentos' políticos, entretecendo estes desaparecidos do regime com atividades no tear: uma Penélope aguarda em cada casa, em silêncio.

Gemma Farran (Barcelona, Espanha) no texto “Elements artístics col·laterals: una mostra de “Work in progress” en l’obra de Tadashi Kawamata” apresenta o *workshop* desenvolvido por Kawamata, japonês, no âmbito de um encontro com artistas e arquitectos: desde as mesas e estrados de trabalho até à casa alta de dois andares, tudo será construído durante os dias do *workshop*: ação pura, será um processo colaborativo infinito.

O artigo "Nelson Felix: o vazio na subjetividade pós-moderna," de Annelise da Fonseca (Paraná, Brasil), discute as relações entre o vazio e a 'liquidez' dos valores contemporâneos (Bauman, 2000; 2003) através da obra do escultor Nelson Felix. Observa-se a exploração das relações identitárias dos espaços compreendidos no interior dos corpos, nos sentidos provocados pelos vazios intersticiais e pela transitoriedade dos materiais em contraste com as durações contemporâneas. Acede-se a outro pensamento, descentrado, e inorgânico.

José Manuel Vidal (Vigo, Espanha), no artigo "Un modelo de instalación artística obtenido mediante la transformación de los elementos arquitectónicos: la obra de Monika Sosnowska" debate a apropriação arquitectónica da obra desta escultora polaca, que se emula o espaço para talhá-lo segundo ilusões de fractura, separação e distorção.

O texto "La idea de copia en las escenografías de José Capela," de Amaya González (Vigo, Espanha), introduz o tema da cenografia, neste caso do grupo de teatro português 'Mala Voadora', e pelo cenógrafo José Capela, onde se debatem algumas das suas referências eruditas.

Susana Pires (Lisboa, Portugal) apresenta, em "Fátima Mendonça: parede de cobertores de lã, massa de bolos e bocas", os temas domesticados pela discussão sobre o género, aqui em torno das actividades: os bolos, as massas, os tecidos e as mantas amortecem os corpos e ao mesmo tempo exprimem as suas imposições: uma parede.

Em "Vik Muniz, um artista provocador de sentidos e valores," Priscila Zanganatto Mafra (São Paulo, Brasil) debruça-se sobre os milhares de fotografias anónimas que Muniz torna elementos de uma realidade que os organiza, numa escala de desperdício e desconcerto.

Thaís Gonçalves (Ceará, Brasil), no artigo "'Objeto descontínuo', criação de sensorialidades em ato por Gustavo Sol" apresenta o trabalho dramático de um actor enquadrado pela pesquisa de Grotowsky ou Stanislavski.

O artigo "As séries Crystal Girls e Peeps de Noe Sendas: entre revelação (fotografia) e construção (imagem)," de Lara Pires (Lisboa, Portugal), discute a transformação digital operada por Sendas, iludindo os aspectos indiciais, e resultando em imagens contraditórias que alternam entre o estado vestígio e o puro artefacto, digital e conceptual.

Manuel Mata (Vigo, Espanha) em "Como reír tarde: una aproximación a la inexactitud en la obra de Dennise Vaccarello," aborda a exigência desesperada pelo análogo, no tempo em que tudo está digitalizado: o corpo escapa-se entre os dígitos de uma mão.

O artigo "Del monocromo al bodegón: la naturaleza muerta de la imagen contemporánea," por Gonzalo Rey Villaronga (Vigo, Espanha), estuda a obra

de Rosendo Cid e a sua exploração dos enunciados cristalizados pelo modernismo. Assim, quatro quadros neutros aludem sucessivamente à paisagem, à natureza-morta, ao retrato, e ao monocromo. Reflecte-se sobre a fractura do enunciado, sobre a repressão do desejo através do que é codificado e arbitrário.

Pilar Soto (Múrcia, Espanha), "Pedagogías colectivas y experiencias de autoeducación: laboratorio artístico *transfronterizo* de Antonio Collados Alcaide" aborda a prática pedagógica de Antonio Collados (Granada). Esta prática assenta na formação através da *aulabierta*, seminários e colectivos de intervenção e extensão universitária que procuram o encontro entre diversas actividades, com o denominador da participação: das hortas urbanas ao à sociologia, do trabalho comunitário à ecologia, tudo pode ser suporte para uma intervenção. A sua sede é (auto) construída, os seus arquivos relacionais são acumulados, procura-se a renovação da política, pela proximidade.

O artigo "A Memória Fugitiva na obra de Oscar Muñoz," de Rogério Silva (Lisboa, Portugal), visita a obra do autor conceptual Oscar Muñoz (Colômbia) que procura os espaços da dúvida associada à existência e à autorrepresentação: como terminar um autorretrato que se evapora? Como ver um rosto entre a água que escorre nos dedos? Como manter as memórias?

Sobre as relações sociais tecem-se ligações intermediadoras. Os seus resultados habitam as cidades, geram novas formas de pensar, renovam discursos, promovem identidade. Trata-se de habitar de novo os espaços vazios, de ativar o humano, que é também onde se podem encontrar as novas formulações artísticas.

Referências

- | | |
|---|--|
| Bauman, Zygmunt (2003) <i>Liquid Love: on the Frailty of Human Bonds</i> . Cambridge: Polity. ISBN 9780745624891 | Bourriaud, Nicolas (2009) <i>Estética relacional</i> . São Paulo: Martins. ISBN 9788599102978 |
| Bauman, Zygmunt (2000) <i>Modernidade Líquida</i> Traduzido por Plínio Dentzien. São Paulo : Jorge Zahar Editor. ISBN 978-85-7110-598-0 | Hall, Stuart. (2006) <i>A identidade cultural na pós-modernidade</i> . DP&A: Rio de Janeiro. ISBN 85-7490-402-3 |
| Bhabha, Homi K. (1998) <i>O local da cultura</i> . Belo Horizonte: Ed. UFMG. ISBN 85-704-1156-1 | Said, Edward W. (2007) <i>Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente</i> . São Paulo: Companhia das Letras. ISBN: 9788535910452 |